

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
OS MARES DA EUROPA  
12 de Maio de 2021

**DAS SCHIFF DER VERLORENEN MENSCHEN / 1929**  
**(“O Navio dos Homens Perdidos”)**

*Um filme de Maurice Tourneur*

Realização: Maurice Tourneur / Argumento: Maurice Tourneur, baseado no romance homónimo de Franzos Keremen / Direcção de Fotografia: Nikolas Farkas / Direcção Artística: Franz Schroedter e Fritz Maurischat / Assistente de Realização: Jacques Tourneur / Interpretação: Fritz Kortner (capitão Vela), Marlene Dietrich (Ethel Marley), Robin Irvine (William Cheyne), Vladimir Sokoloff (Grischa, o cozinheiro), Gaston Modot (Morain, o evadido), Boris de Fast (o marinheiro tatuado), Feodor Chaliapin (Nick), Max Maximilian (Tom Butley), Fritz Alberti (capitão do paquete), Robert Garrison (o proprietário), Heinrich Gotho, Harry Grunwald, etc.

Produção: Max Glass Film / Produtor: Max Glass / Cópia: 35mm preto e branco, muda com intertítulos em alemão com legendagem electrónica em português / Duração: 111 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

\*\*\*

Com acompanhamento ao piano por Daniel Schvetz.

\*\*\*

Se virmos **Das Schiff der Verlorenen Menschen** enquanto testemunho de uma época – o final dos anos 20 na Europa – ele diz-nos bastante sobre o período. O tema do autoritarismo, por exemplo, que então crescia pela Europa toda ou quase toda, surge amplamente simbolizado pelo navio que é o centro físico da intriga, e que é comandado por um capitão violento e arbitrário, capaz das maiores vilezas (e embora o argumento se baseie num romance original do escritor Franzos Keremen, há aqui mais do que um eco, provavelmente já constantes do romance, do *Lobo do Mar* de Jack London, que mais tarde Michael Curtiz adaptaria, aliás soberbamente, em Hollywood). O navio repleto de “homens perdidos” poderá não ser um microcosmos (pelo menos intencionalmente, ou enquanto “programa”), mas representa uma porção do caos europeu da época, com a sua tripulação composta por figuras, quase todas em fuga de alguma coisa, provenientes das mais variadas origens – alemães, franceses, russos, americanos... Maurice Tourneur não terá pensado nisso (ou se calhar até pensou), mas uma história que não tem nenhuma ou quase nenhuma referência directa ao seu tempo, e que se podia portanto passar em qualquer época, acaba por ser um reflexo, quase uma “metáfora”, da grande confusão europeia do final dos anos 20.

No que toca a esse carácter de “testemunho”, o filme também nos diz algo sobre o cinema europeu da época, com o seu elenco internacional, cheio de actores que já eram ou viriam a ser famosíssimos (Fritz Kortner, Sokoloff, Chaliapin, o buñueliano-renoiriano Gaston Modot, Heinrich Gotho, sem falar, claro, de Marlene Dietrich), o seu estatuto de produção independente mas provida de alguma opulência em termos de meios (os décors do paquete de onde foge a personagem de Dietrich), dirigida, ao que consta com enorme liberdade (é seu, também, o argumento) por um realizador “globetrotter” que estava, então, de regresso à Europa depois de uma carreira cheia de altos e baixos no cinema americano. Maurice Tourneur tem aquela justeza áspera que era característica da geração de “pioneiros” (ou, sendo um pouco mais precisos: da geração dos primeiros realizadores que desenvolveram, e ajudaram a definir o que era, uma longa-metragem de

ficção, em parte seguindo os ensinamentos de Griffith, que naturalmente Tourneur muito admirava), uma absoluta adequação do estilo à narrativa, uma câmara económica que nunca procura o efeito de estilo artificial e em que cada movimento, ou cada enquadramento, justifica a narrativa tanto quanto é justificada por ela. Algo particularmente relevante neste filme, que tem tanto de “drama psicológico”, retrato de um conjunto de personagens peculiares a conviverem num perímetro reduzido e opressivo, como tem, sobretudo a partir do terço final, de “filme de acção”, relato de uma conspiração e de uma revolta. De resto, as cenas de acção mais espectaculares (como a queda do avião em que viaja Dietrich) são desenvolvidas com um formidável sentido dos meios disponíveis, e apostando na sugestão e na elipse – essa cena da queda do avião, por exemplo, tem uma construção tão perfeita que não envelheceu uma ruga nem viu a sua eficácia danificada por, por exemplo, uma insistência em “efeitos especiais” que a evolução tecnológica, obviamente, tornaria obsoletos.

Visto como “filme de Maurice Tourneur”, portanto, **Das Schiff ver Verlorenen Menschen** é um testemunho da mestria do seu autor. E falta vê-lo como “filme de Marlene Dietrich”. Curioso é notar – e há muito desmistificadas as lendas urbanas que durante tantos anos circularam e apontavam Dietrich como uma actriz de terceiro plano que o olho de Sternberg arrancara à obscuridade (e falamos, claro, de **Der Blaue Engel**, do ano seguinte, filme que daria início ao mito de Marlene) – curioso é, notar, dizíamos, que ela tem aqui um papel que, simbolicamente, não está já muito longe dos *símbolos* que Sternberg a faria encarnar na prodigiosa série de filmes que os dois iniciariam em 1930 e completariam em Hollywood durante a primeira metade da década. Marlene, aqui, é já a “última” ou a “única” mulher no mundo, solitário elemento feminino num mundo de homens, despertando as mais variadas respostas e atitudes (do “proteccionismo” à simples cobiça) e suscitando as mais extremas reacções (sem a presença dela, revolta alguma haveria no barco), e já circulando também entre os extremos sociais (do paquete ao barco dos “perdidos”) sem atrito de maior. Se mais não houvesse, era também um óptimo filme para se constituir em documento de estudo do “mito de Marlene Dietrich”.

Luís Miguel Oliveira